

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
INQUIETAÇÕES EM TORNO DE UMA CONTRADIÇÃO:
DA DISTINÇÃO ENTRE FONÉTICA E FONOLOGIA
NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL
DE FERDINAND DE SAUSSURE

Thais de Araujo da Costa (UERJ/UFF/Sorbonne)
araujo_thais@yahoo.com.br

RESUMO

A inquietação diante da contradição constitutiva do movimento de designação/distinção entre o que é tomado no *Curso de Linguística Geral* por estudos fonéticos e fonológicos é o que nos leva à (re)leitura de Ferdinand de Saussure. Entendemos que as designações pressupõem a construção discursiva de referentes que ocorrem “em relação às outras designações com as quais se encontram em relação de reformulação parafrástica ou de contradição no arquivo” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 250). Tomaremos a contradição como objeto de análise e princípio de historicidade do discurso. Os discursos são constitutivamente contraditórios porque são constituídos “pela multiplicidade de fragmentos, de partículas disformes de discursos e, também, de saberes dispersos” (MITTMANN, 2010, p. 85) que estão filiados a diferentes posições-sujeito. Essas posições-sujeito estão inscritas numa dada formação discursiva duplamente heterogênea, como depreendemos de Eni Puccinelli Orlandi (2007a; 2007b) e Freda Indursky (2006; 2008), porque comportam diferentes posições-sujeito e permitem a aproximação de posições-sujeito filiadas a outras formações discursivas, sob determinação do interdiscurso, de modo que estabelecem entre si relações de conflito, confronto, aliança, sobreposição etc. Assim, entendemos, com Mônica Graciela Zoppi-Fontana (2003), que a análise dos movimentos de (re)formulação nos permitirá refletir sobre as diferentes posições-sujeito em jogo nesse ir e vir do dizer, bem como sobre o(s) efeito(s) da contradição estabelecido(s) entre elas. Tomando o *Curso de Linguística Geral* como lugar de materialização de discursos, em nossa (re)leitura, propomo-nos a depreender, como a contradição histórica constitutiva se faz significar na sua materialidade linguística, através dos movimentos de (re)formulação, no que diz respeito ao processo de designação/distinção entre os chamados estudos fonéticos e fonológicos. Para isto, refletimos ainda sobre a relação entre essas formas de saber e o que se toma por língua/escrita e língua/fala.

Palavras-chave: Fonética. Fonologia. *Curso de linguística geral*. Saussure.

1. Introdução

As inquietações que nos levaram às reflexões que ora apresentamos surgiram durante a nossa pesquisa de doutorado e ganharam corpo no grupo de estudos de "Análise de discurso e história das ideias lingüís-

ticas" organizado pela Profa. Dra. Vanise Medeiros em 2014-2015¹⁵. Na ocasião, tendo em vista o centenário da morte, em 2013, do linguista genovês Ferdinand de Saussure – que é comumente significado, na história dos estudos da linguagem, como o fundador da chamada corrente estruturalista – e o de publicação, em 2016, do *Curso de Linguística Geral* – livro póstumo cuja autoria é a ele atribuída –, propomo-nos a revisitar este último, visando refletir sobre a sua historicidade. Isso significa que, ao lançarmos nossos olhares sobre o *Curso de Linguística Geral*, consideramos também o seu entorno, o passado que o constitui e o futuro que dele se desdobra, pensando-o, tal como propuseram Jean-Louis Chiss e Christian Puech (1994), não somente enquanto um *domínio de pesquisa*, a partir do qual enunciados são discutidos e trabalhados no seio de um dado projeto científico, mas sobretudo como um *domínio de memória*, com o qual, por meio de diferentes (re)leituras, são estabelecidas relações de gênese, filiação, continuidade, descontinuidade, repetição, silenciamento e deslocamento e, a partir do qual, entendemos produzir-se aquilo que Michel Pêcheux (1999) chamou de efeito-Saussure.

Imbuídos desse objetivo, ao (re)lermos o *Curso de Linguística Geral*, tendo em vista que, como pontua Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), Ferdinand de Saussure teria sido o primeiro a propor uma certa distinção entre fonética e fonologia, chamou-nos de imediato atenção a contradição, primeiramente em relação aos sentidos que se naturalizaram para esses dois campos de estudo em nossa tradição linguístico-gramatical e, em seguida, àqueles que se fazem significar em sua própria materialidade. Sendo assim, neste artigo, à luz da história das ideias linguísticas, tal como instituída no Brasil a partir do lugar da Análise de discurso, de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi, analisaremos, num primeiro momento, o processo de designação/distinção entre o que se compreende por estudos fonéticos e fonológicos para, então, tentar relacionar os efeitos produzidos a partir desse processo à função-autor que organiza o *Curso de Linguística Geral*.

2. A designação vista enquanto processo discursivo

Como nos ensina Michel Pêcheux (2009, p. 149), para compreender o processo de (re)produção de sentido é preciso considerar que exis-

¹⁵ Além de mim e da Profa. Dra. Vanise Medeiros, participavam do grupo a Profa. Dra. Luiza Katia Castello Branco e o Prof. Me. Alexandre Zanella.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

te “algo [que] fala (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. Este algo, que chamamos de interdiscurso, configura-se, conforme Eni Puccinelli Orlandi (2007b, p. 31), como um saber discursivo, uma memória de dizeres a partir da qual o sujeito, por meio da língua(gem), (res)significa o mundo a sua volta à medida que se (res)significa é (res)significado como sujeito nesse/desse mundo e que se coloca, portanto, como condição para todo e qualquer dizer.

Entendemos que a designação faz parte dessa engrenagem a partir da qual se dá a (re)produção de sentidos, porque se constitui como um processo discursivo e, por conseguinte, histórico por meio do qual, como podemos depreender a partir de Eduardo Guimarães (2005), um nome é (res)significado numa dada sociedade. Tal processo – que é histórico porque implica uma história de enunciações, “de nomeações, de renomeações e referências realizadas (com suas temporalidades próprias)” (GUIMARÃES, 2005, p. 42) a partir das quais se estrutura – coloca em questão um efeito de referencialidade¹⁶ ou, conforme Bethânia Mariani (1998), de exterioridade. Esse efeito produz, por sua vez, uma ilusão de objetividade, isto é, de unidade para o nome e para o objeto a partir *de* e *nesse* nome construído, ao mesmo tempo em que, para que estes se instituem enquanto tais, apaga o processo por meio do qual se dá a sua construção discursiva. Uma vez constituídos, os objetos do dizer, na sua relação com os nomes pelos quais são designados, passam, então, a funcionar como “pontos de estabilização de processos [de significação]” (PÊCHEUX & FUCHS, 2010, p. 236). No entanto, como a referencialidade, como nos lembra Bethânia Mariani (1998, p. 118), “é uma operação de base linguística que envolve mecanismos de substituição, construção de sinônimos e paráfrases determinados pelo interdiscurso”, nada garante que no jogo do dizer, em consonância com o que já haviam postulado Michel Pêcheux e Catherine Fuchs (2010, p. 236), “as substituições e as transformações não mudem o sentido” outrora estabilizado.

Sobre a tensão travada no dizer entre manutenção e deslizamento de sentidos, Eduardo Guimarães (2002, p. 74) acrescenta que, embora o objeto seja uma exterioridade produzida pela linguagem, ele “não se reduz ao que se fala dela”, isto é, da sua exterioridade, porque esta é objetivada – entenda-se: torna-se objeto do dizer – pelo confronto de discursos. Isso significa que todo processo de designação pressupõe uma “relação instá-

¹⁶ Retomamos Paul Henry (1975, p. 88) para quem “la référentialité est un effet de sens”. [Tradução minha: “A referencialidade é um efeito de sentido”].

vel entre a linguagem e o objeto”, e isso porque “o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário exposto à diferença”. Daí ser importante considerar, quando da análise dos processos de (re)significação, aquilo que, a partir da imposição pelo interdiscurso de uma dada designação, “o cruzamento de discursos não deixa significar” (*ibid.*, *loc. cit.*). A designação, como nos explica o autor, “ao se instituir no léxico (...), instala como lugar de estabilidade referencial um sentido pelo apagamento de outros”, fazendo funcionar, por meio de diferentes gestos de interpretação a partir dos quais se tem a sua (re)produção, aquilo que Eduardo Guimarães chama de “política do sentido” (*ibid.*, p. 75) ou, em outras palavras, promovendo a estabilização e, por conseguinte, a naturalização de determinados sentidos em detrimento de outros, que são silenciados.

É, portanto, sob essa perspectiva, que Mônica Graciela Zoppi-Fontana (2003, p. 250) afirma que as designações se dão “em relação às outras designações com as quais se encontram em relação de reformulação parafrástica ou de contradição no arquivo”. Em nossa análise, como dissemos, temos por objetivo compreender a contradição que se coloca a partir da designação/distinção entre aquilo que é significado, no *Curso de Linguística Geral*, como estudos fonéticos e fonológicos.

Tomar a contradição como objeto de análise significa concebê-la como princípio de historicidade de todo e qualquer discurso. Os discursos são constitutivamente contraditórios porque, conforme Solange Mittmann (2010, p. 85), são constituídos “pela multiplicidade de fragmentos, de partículas disformes de discursos e, também, de saberes dispersos”, os quais se filiam a diferentes posições-sujeito. Estas, por sua vez, inscrevem-se em formações discursivas, domínios de saber em que se encontram organizados os sentidos em circulação no interdiscurso e que, como podemos apreender a partir de Eni Puccinelli Orlandi (2007a; 2007b) e de Freda Indursky (2006; 2008), são duplamente heterogêneas. Heterogêneas porque comportam em seu interior diferentes posições-sujeito a cujos saberes os indivíduos se identificam, ao serem interpelados em sujeitos do dizer, para poderem (se) significar. Heterogêneas porque, de fronteiras porosas, permitem, sob determinação do interdiscurso, a aproximação de posições-sujeito filiadas a outras formações discursivas, de modo que se estabelecem entre estas e aquelas relações de conflito, de confronto, de aliança, de sobreposição etc.

Essa articulação, isto é, a costura no dizer entre as diferentes posições-sujeito, é organizada, como nos lembra Solange Mittmann (2010, p.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

86), por uma função-autor¹⁷, que, embora seja interna ao discurso, “leva ao efeito externo de uma função de autor, uma função enunciativa do sujeito em relação ao discurso e perante o social”. Nesse sentido, pensar a função-autor que organiza o *Curso de Linguística Geral* seria pensar mais uma vez em heterogeneidade constitutiva. Além da dispersão de posições e de formações discursivas que o constitui e o atravessa, a sua formulação (ORLANDI, 2001) coloca em questão ainda diferentes gestos de interpretação que resultam num gesto de autoria (uma função-autor) atribuído a Ferdinand de Saussure, ao mesmo tempo em que este é dele um efeito (uma função de autor).

Como sabemos, o *Curso de Linguística Geral* – livro pelo qual Ferdinand de Saussure é ainda hoje significado como o fundador do Estruturalismo – foi publicado em 1916, três anos após a sua morte, por dois colegas e antigos alunos seus, Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir da compilação de manuscritos de Ferdinand de Saussure e de anotações feitas por alguns alunos que acompanharam a disciplina, de mesmo nome, ministrada pelo mestre genovês na *Université de Genève* durante três anos universitários (1907, 1908-1909 e 1910-1911). Cabe aqui ressaltar que nem Bally nem Sechehaye assistiram a essa disciplina. Sendo assim, entendemos que se faz significar no *Curso de Linguística Geral* pelo menos três gestos distintos de interpretação, os quais, de diferentes formas, constituem a função-autor que o organiza, a saber: 1) o do próprio Ferdinand de Saussure, ao elaborar suas aulas¹⁸; 2) os dos estudantes, cujas notas são (suas) (re)leituras (suas interpretações) do que havia dito o mestre em sala de aula; e 3) o dos editores, que tiveram não só de (re)ler e recortar o que das anotações dos alunos permaneceria, relac-

¹⁷ Eni Puccinelli Orlandi (2007b, p. 97), a partir das considerações tecidas por Michel Foucault (2006; 2007), nos explica que a função-autor é uma função exercida pelo sujeito discursivo que se caracteriza pela “produção de um gesto de interpretação” a partir do qual o autor é colocado como o responsável pelo sentido do que diz, do que formula, significando-se e produzindo sentido de acordo com as determinações históricas a que está assujeitado.

¹⁸ No prefácio à edição brasileira Isaac Nicolau Salum nos traz um fragmento de uma carta enviada por Saussure a seu discípulo L. Gautier, na qual o linguista genovês comenta o seu próprio gesto de interpretação ao preparar as aulas para a disciplina em questão – “Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos” (SAUSSURE *apud* SALUM, prefácio à edição brasileira, 1975, p. XVII-XVIII).

onando aos poucos manuscritos de Ferdinand de Saussure encontrados¹⁹, como também de dar a todo esse material uma estrutura de livro.

Posto isso, cabe assinalar, por fim, que, em nosso gesto de leitura, tomaremos o *Curso de Linguística Geral* como lugar de materialização de discursos sobre a língua(gem) e que, com vistas a compreender como se constitui, a partir do processo de designação/distinção, a contradição entre os termos fonética e fonologia no dizer atribuído a Ferdinand de Saussure, investigaremos o movimento de (re)formulações parafrásticas que voltam sobre esses termos, buscando depreender as diferentes posições-sujeito em jogo, bem como o(s) efeito(s) estabelecido(s) entre elas e o modo pelo qual se fazem significar na materialidade linguística em análise.

3. O lugar dos estudos fonéticos e fonológicos nos estudos da língua-gem

Como nos explica Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), até meados do século XIX, a fonética, situada no âmbito das ciências naturais, consistia num estudo biológico da linguagem e era significada como uma “disciplina auxiliar da linguística”, a qual se entendia que convinha aos linguistas estudar e dominar por lhes proporcionar uma compreensão mais profunda do mecanismo da fala. Na segunda metade do século XIX, a partir dos estudos do alemão Eduard Sievers (1876), notadamente aqueles de base comparativa relacionados ao indo-europeu, “fonética” passa a designar também uma disciplina histórica que, situada no âmbito das ciências humanas, é significada como uma ramificação dos estudos linguísticos. Tem-se, então, nesse momento, uma convivência tensa entre duas disciplinas distintas, filiadas a distintas posições-sujeito. Os sentidos não são os mesmos, assim como também não são os fazeres associados a essas disciplinas, mas, por elas terem designações homônimas, muitas vezes se “confundem”. (ORLANDI, 2008)

¹⁹ Sobre os manuscritos de Ferdinand de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye comentam, no prefácio à primeira edição publicada em 1916, que, embora a Mme Saussure os tivesse lhes colocado à disposição, grande foi a sua decepção ao perceberem que, em vez de encontrar uma “imagem fiel de suas geniais lições”, as quais pretendiam organizar e publicar como anotações pessoais do linguista genovês, combinando-as às anotações de seus discípulos, nelas havia “nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos”, e isso porque Ferdinand de Saussure “ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição”. (BALLY & SECHEHAYE, 1975, p. 1)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Ainda de acordo com Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), é a Ferdinand de Saussure (o do *Curso*) que é atribuída, na história da produção dos conhecimentos linguísticos, a partir da retomada do conceito de fonema proposto pelo linguista polonês Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929) e da sua inserção na teoria geral e essencial dos sinais linguísticos, uma certa distinção entre esses estudos. Tulio de Mauro, no entanto, em nota explicativa à edição italiana do *Curso de Linguística Geral*, publicada em 1967²⁰, esclarece que, na verdade, o termo *fonema*, empregado pela primeira vez, em 1873, pelo foneticista francês Dufriche-Desgenettes, em uma comunicação proferida na Sociedade Linguística de Paris, foi adotado por Ferdinand de Saussure, em 1878, em *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, para designar o “elemento de um sistema fonológico em que, qualquer que seja a sua articulação exata, é reconhecido como diferente de todos os outros elementos” (SAUSSURE *apud* DE MAURO, 2005, p. 433, nota 111)²¹. A partir do conceito saussuriano, o linguista russo Sergei Losifovich Karcevski (1887-1955), membro do Círculo de Praga, teria proposto, a distinção entre *som* e *fonema*, a qual então teria sido adotada, em 1895, por Jan Baudouin de Courtenay, para quem o fonema passou a ser concebido como “uma representação psíquica abstrata dos sons linguísticos” (id., *ibid.*).

No *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure, portanto, ainda em conformidade com o linguista italiano, teria aprofundado a sua própria noção de fonema delineada no *Mémoire*, passando a concebê-lo como “um elemento puramente diferencial e opositivo”, “entidades identificáveis na *fala*, na realização *fônica*” (DE MAURO, 2005, p. 433-434, nota 111) das quais se distinguem o que se toma por “unidades irredutíveis” do significante – distinção esta que, por sua vez, justifica, como podemos depreender a partir dos comentários de Tulio de Mauro (*ibid.*), a proposta de contornos e nomes distintos para os estudos de base linguística e os de base biológica, como podemos ler na sequência abaixo:

A fisiologia dos sons [...] é frequentemente chamada de “Fonética” [...]. Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir

²⁰ Consultamos aqui a edição francesa de 2005 em que as notas e comentários de Tulio de Mauro foram traduzidas do italiano por Louis-Jean Calvet.

²¹ Tradução minha.

no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo de articulação permanece sempre igual a si mesmo.

Longe de se confundir, êsses dois estudos nem sequer podem ser postos em oposição. O primeiro é uma das partes essenciais da ciência da língua; a fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala. (SAUSSURE, 1975, p. 42-43)²².

No *Curso de Linguística Geral*, mais especificamente no capítulo intitulado “Fonologia”, esta é significada como a “fisiologia dos sons” e, por isso, considerando que o mecanismo de articulação da fala não muda, é percebida como uma ciência a-histórica, “fora do tempo”, que se constitui enquanto “disciplina auxiliar” da ciência linguística. Já a fonética é significada como “uma ciência histórica”, que “analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo”, o que a caracteriza como “uma das partes essenciais da ciência da língua”.

Para melhor compreendermos essa distinção, é preciso refletirmos sobre outras duas dualidades saussurianas que estão diretamente intrincadas a ela, a saber: língua/escrita e língua/fala. Com vistas a legitimar a eleição da língua como objeto da linguística, existe um movimento de distinção desta em relação à escrita e à fala que é retomado em diversos momentos ao longo do *Curso de Linguística Geral*. No que tange ao primeiro par, língua e escrita são significadas como “dois sistemas distintos de signos” (SAUSSURE, 1975, p. 34), entre os quais se estabelece um efeito de representação – aquela é tomada como “um depósito de imagens acústicas”, e esta como “a forma tangível dessas imagens” (SAUSSURE, 1975, p. 23), cuja “única razão de ser [...] é representar o primeiro” (SAUSSURE, 1975, p. 34). Assim é que, no *Curso de Linguística Geral*, a confusão entre esses dois sistemas se configuraria como uma “cilada” em que haveriam caído os primeiros linguistas: “desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade” (SAUSSURE, 1975, p. 42). E o caminho para essa verdade (nós diríamos, imaginária) estaria no “estudo dos sons através dos próprios sons” (SAUSSURE, 1975, p. 42). Como lemos no *Curso de Linguística Geral*, a linguística só se “libertou da palavra escrita” com a adoção de uma ciência auxiliar (SAUSSURE, 1975, p. 42): a fonologia. Ou seja, é pela necessidade de distinção entre o signo linguístico e o sig-

²² A edição citada neste artigo do *Curso de Linguística Geral* é a edição brasileira de 1975 da editora Cultrix.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

no escrito que se justifica no *Curso de Linguística Geral* o lugar dos chamados estudos fonológicos.

No que diz respeito ao segundo par, língua e fala são tomadas como diferentes domínios da linguagem. Diz o *Curso de Linguística Geral* que, ao separá-las, “separa-se ao mesmo tempo: 1º. o que é social do que é individual; 2º. o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (SAUSSURE, 1975, p. 22)²³. Em outro momento, retomando o efeito de representação da escrita em relação à língua e utilizando-se de uma analogia ao ato de fotografar, justifica-se o porquê de ser a língua o objeto eleito e não a fala – “seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos de fala” (SAUSSURE, 1975, p. 23). A fala não é, pois, considerada tangível como a língua é através da escrita; a sua representação é significada como da ordem do impossível. Ela não é representável, traduzível. Dessa maneira, a escrita comparece nesta sequência, não em oposição à língua, como vimos anteriormente, mas como argumento para legitimar o lugar desta como objeto da linguística, a partir do estabelecimento de um efeito de tradução – a língua, como vimos, é tomada como um “depósito de imagens acústicas”, e a imagem acústica, por sua vez, “pode traduzir-se numa imagem visual constante” (SAUSSURE, 1975, p. 23), isto é, escrita. Assim, da mesma forma como o estudo da fala permitiu, num primeiro momento, distinguir a língua da escrita, agora a escrita é retomada para que se produza não só um efeito de distinção entre língua e fala, mas, como pontuamos, de legitimação da primeira como objeto de estudo.

No que concerne à distinção entre língua e fala, no capítulo intitulado “Linguística da língua e linguística da fala”, uma outra analogia entre, de um lado, a língua e a produção de sons necessários à fala, entendida como fonação, e, de outro, o alfabeto Morse e os aparelhos que servem para transcrevê-lo é formulada, produzindo um efeito de exterioridade dos órgãos vocais (aparelho fonador) em relação à língua – “os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto” (SAUSSURE, 1975, p. 26). A partir dessa analogia, a fonação é significada como

²³ Cabe destacar aqui o efeito de sentido produzido pelo comparecimento da palavra *social* algumas vezes no *Curso de Linguística Geral*. Nele, *social* não diz respeito à relação entre língua e sociedade, conforme já vinha sendo pensada à época por outros linguistas (Meillet e Vendryes, por exemplo), mas ao fato de supor-se que a língua, enquanto sistema, encontra-se “depositada” nos cérebros de *uma comunidade de indivíduos* – diferentemente da fala que seria da ordem do *indivíduo* –, cabendo ao linguista depreender e analisar o funcionamento desse sistema.

“a execução das imagens acústicas” e, enquanto tal, entende-se que ela “nada afeta o sistema em si”. (SAUSSURE, 1975, p. 26)

Em seguida, são excluídos dos estudos da língua dois tipos de estudos que teriam como objeto a fala: o que se debruça sobre a produção dos sons, a fonação, e o que trata das chamadas “transformações fonéticas”, entendidas como “as alterações dos sons que se produzem na fala” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Sobre essas transformações, num primeiro momento, afirma-se que produzem “influência tão profunda nos destinos da própria língua” (SAUSSURE, 1975, p. 26) e depois questiona-se: “Teremos, de fato, o direito de pretender que esta [a língua] exista independentemente de tais fenômenos?” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Ao que se responde que sim, justificando-se que elas “não atingem mais que a substância material das palavras” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Observemos aqui um primeiro conflito entre posições. O que antes era tomado, de uma posição, como uma “influência profunda” desloca-se para outra posição de modo que passa a ser significado como algo que não pertence nem à ordem da fonética, nem à da língua: “se atacam a língua enquanto sistema de signos, fazem-no apenas indiretamente pela mudança de interpretação que daí resulta: ora esse fenômeno nada tem de fonético” (SAUSSURE, 1975, p. 26). Nesse posicionamento, embora se entenda que “o estudo dos sons” possa ser interessante à investigação das “causas de tais mudanças”, este não é considerado como “coisa essencial”.

No quadro a seguir, buscamos filiar os dizeres analisados até aqui às duas posições depreendidas em nossa análise, as quais, por um princípio de organização, passaremos a chamar de posição-sujeito 1 (PS1) e posição-sujeito 2 (PS2). Cabe explicar que, em nosso gesto de leitura, partimos dos dizeres que recortamos do capítulo intitulado “Fonologia”, no qual, como vimos, há um movimento de designação/distinção do que se toma por fonética e fonologia, e, em seguida, percorremos o *Curso de Linguística Geral* em busca de pontos em que observássemos (re)formulações parafrásticas/manutenções/deslocamentos desses sentidos. Assim foi que, no capítulo intitulado “Linguística da língua e linguística da fala”, embora não compareçam os termos fonética e fonologia, encontramos, a partir do que se toma por transformações fonéticas e fonação, sentidos de aproximação e de distanciamento em relação aos que havíamos visto anteriormente.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

PS1		PS2
CAPÍTULO: FONOLOGIA		
FONÉTICA	FONOLOGIA	
“estudo das evoluções dos <u>sons</u> ” “ <u>ciência histórica</u> ” “ <u>análise acontecimentos, transformações e se move no tempo</u> ” “uma das <u>partes essenciais</u> da ciência da <u>língua</u> ”	“fisiologia dos <u>sons</u> ” “se coloca <u>fora do tempo</u> ” “o mecanismo de articulação <u>permanece sempre igual</u> a si mesmo” “ <u>não passa de disciplina auxiliar</u> e só se refere à <u>fala</u> ”	
CAPÍTULO: LINGUÍSTICA DA LÍNGUA E LINGUÍSTICA DA FALA		
TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS	FONAÇÃO	TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS
“alterações que se produzem na <u>fala</u> ” “exercem <u>influência tão profunda</u> nos destinos da própria <u>língua</u> ”	“produção dos sons necessários à <u>fala</u> ” “execução das imagens acústicas” “os órgãos são tão <u>exteriores à língua</u> como...”	“alterações que se produzem na <u>fala</u> ” “ <u>não atingem mais que a substância material das palavras</u> ” “ <u>atacam a língua [...]</u> <u>indiretamente</u> ” “esse fenômeno <u>nada tem de fonético</u> ” “ <u>não é coisa essencial</u> ”

Como podemos depreender a partir do quadro acima, na PS1, os sentidos filiados a transformações fonéticas e fonação, no capítulo “Linguística da língua e linguística da fala”, inscrevem-se, respectivamente, no mesmo eixo parafrástico de fonética e fonologia, no capítulo intitulado “Fonologia”: as transformações ou alterações fonéticas são tomadas como o objeto de estudo da fonética, assim como a fonação é tomada como o objeto de estudo da fonologia. No entanto, há, nos capítulos analisados, um deslize entre sons da língua e sons da fala que, a nosso ver, possibilita o comparecimento da PS2. No capítulo “Linguística da língua e linguística da fala”, as alterações fonéticas são significadas como da ordem da fala, aproximando-se, assim, também do que se tem por fonação. É, pois, a partir dessa aproximação, que sentidos outros, filiados à PS2, irrompem no *Curso de Linguística Geral*, fazendo-se significar na sua materialidade e, com isso, estabelecendo entre essas duas posições um efeito de contradição – se na PS1 o estudo das transformações fonéticas é tomado como uma parte essencial da ciência da língua, na PS2 essas transformações, tomadas como da ordem da fala, são significadas

como algo exterior à língua, sendo inclusive questionado o seu estatuto enquanto um fenômeno fonético.

Como arremate dessa distinção entre o que é da língua e o que não é da língua, no *Curso de Linguística Geral* propõe-se uma nova dualidade a partir da qual se divide o estudo da linguagem em um estudo psíquico e essencial, a “linguística propriamente dita”, que teria por objeto a língua, e um estudo psicofísico e secundário, a “linguística da fala”, que teria por objeto a fala. A ilusão de divisão entre esses dois campos de estudos é significada ainda como uma “bifurcação” que impede que o linguista se dedique aos dois concomitantemente, cabendo-lhe “escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo” e que, portanto, “devem ser seguidos separadamente”. (SAUSSURE, 1975, p. 28)

Sobre os sintagmas que designam esses dois campos de estudo, Michel Arrivé (2010, p. 119) ressalta ainda que se constituem, no caso de *Linguística da língua*, como uma tautologia, visto que “reafirma inutilmente o objeto que acaba de ser explicitamente atribuído à linguística”, e, no caso de *linguística da fala*, como um oxímoro, já que “confere à linguística um objeto que acaba de ser classificado como impossível”. A nosso ver, esses efeitos de sentido que saltam aos olhos do linguista francês corroboram a contradição que expusemos acima entre as posições-sujeito 1 e 2.

Há, no *Curso de Linguística Geral*, um movimento de delimitação (e, portanto, de (re)significação) da linguística enquanto ciência que impõe a necessidade de se definir um objeto de estudo estável, tangível, representável. Para tanto, faz-se preciso silenciar tudo aquilo que poderia comprometer esse projeto. Contudo, além de, tal como pontuam Michel Pêcheux e Françoise Gadet (2010, p. 55), o *Curso de Linguística Geral* encontrar “suas condições nas práticas dos gramáticos comparatistas” – lembremos aqui que os únicos livros publicados em vida por Ferdinand de Saussure (*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, 1878; e *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, 1881) foram publicados à luz do comparatismo e que, como professor, o mestre genovês ministrou cursos de gramática histórico-comparada –, em linguística não há invalidação definitiva de outras teorias, ficando sempre um “resto não teorizado” que permite – conforme Michel Pêcheux (2011, p. 299) – a constituição da própria teoria” e que, como demonstra a análise, produz ressonâncias no *Curso de Linguística Geral*.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Esse algo que *fica*, que *resta*, caracteriza a linguística, como podemos depreender a partir de Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), como uma ciência cumulativa²⁴. O fato de os saberes sobre a língua e sobre a linguagem serem, como nos explicam os autores, necessariamente construções históricas de longa duração implica uma certa forma de cumulação de saberes, que passam igualmente a constituir a memória do dizer sobre a língua(gem). Essa memória cumulativa, no entanto, tem “furos”, visto que, ao lado da manutenção de uns sentidos, há, ao mesmo tempo, o deslocamento ou o esquecimento de outros, os quais podem retornar, fazendo-se significar na materialidade dos seus instrumentos.

É graças a esse caráter cumulativo da linguística também que entendemos, com Michel Pêcheux (1999, p. 9-10), permanecer o seu ponto inaugural ainda hoje, cem anos após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, a despeito das diferentes (re)leituras produzidas ao longo desse século, evanescente, de modo que “a ruptura por ele suposta *nunca é efetuada*”: “o destino da linguística saussuriana não se cumpriu”, e isso porque esta “não parou, desde sua origem, de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras”, que colocam em questão a “tendência interna de seu autoencobrimento”.

4. Considerações finais

A análise do movimento de reformulações parafrásticas nos permitiu concluir que o efeito de contradição que sinalizamos haver entre a PS1 e a PS2 diz respeito aos contornos delineados no movimento de distinção entre fonética e fonologia e na relação estabelecida entre estas e a chamada ciência da língua. Tal contradição é reforçada, ainda, pela própria estruturação do livro. Como dissemos, há no *Curso de Linguística Geral* um capítulo intitulado “Fonologia”, no qual encontramos a produção do efeito de distinção entre *fonética* e *fonologia, língua e fala e língua e escrita*. Esse capítulo é seguido de um apêndice intitulado “Princípios de fonologia”, no qual encontramos a definição de *fonema* e um estudo sobre fisiologia e acústica do som. Não há, no entanto, um capítulo destinado à fonética. Ora, se esta, como vimos, da PS1, é significada co-

²⁴ A questão da cumulação é, segundo os autores, uma questão central na história das ciências, embora muitas disciplinas possam ser menos cumulativas, ou melhor, possam não revelar o processo de cumulação pelo qual elas se constituem historicamente.

mo “uma das partes essenciais da ciência da língua” e aquela como “disciplina auxiliar”, não seria de se esperar que a primeira tivesse um capítulo dedicado a ela no *Curso de Linguística Geral* e não a segunda?

Sobre a presença do referido apêndice, cabe aqui pontuar ainda que, diferentemente do que ocorre nos demais capítulos, em sua introdução, entre colchetes, os organizadores do *Curso de Linguística Geral* explicam que, para elaboração dessa parte, foi utilizada, além da “reprodução estenográfica de três conferências feitas por F. de S. em 1897 sobre *A Teoria da Sílabas*”, as notas pessoais do mestre genovês das quais “boa parte (...) se refere à Fonologia”, tornando-se possível ainda, a partir delas, elucidar “em muitos pontos (...) os dados ministrados pelos cursos I e II” (SAUSSURE, 1975, p. 49). Essa nota introdutória, bem como as condições de produção do *Curso de Linguística Geral* sobre as quais discorremos anteriormente e a declaração dos organizadores no prefácio à primeira edição em relação à dificuldade de encontrar correspondência entre os manuscritos de Ferdinand de Saussure e as anotações dos seus alunos (ver nota 7), poderia nos sugerir que, dentre todos os capítulos do *Curso de Linguística Geral*, este talvez seja, se assim podemos dizer, o mais fiel ao pensamento saussuriano. Porém, para nós, importa aqui pensar o efeito produzido por essa heterogeneidade de gestos de interpretação em sua materialidade, efeito este que se apresenta sob a forma de uma dualidade a partir da qual são colocados, lado a lado – e, ao mesmo tempo, em lados antagônicos –, o *Saussure-linguista* (mais tarde significado como *estruturalista*) e o *Saussure-comparatista*²⁵.

Iniciamos esta reflexão dizendo que as designações pressupõem a construção discursiva de referentes e que elas se dão sempre em relação a outras designações. A análise demonstrou que as designações em questão, bem como os referentes associados a elas, filiam-se a diferentes posições-sujeito. Essas posições, por sua vez, relacionam-se no *Curso de Linguística Geral* de forma contraditória, e isto porque, a partir delas, projeta-se no dizer diferentes imagens para Ferdinand de Saussure: uma filiada à tradição comparatista e outra que, posteriormente, viria a ser significada como estruturalista. Tal contradição, como vimos em Joaquim Matoso Câmara Jr., (2010), faz parte da historicidade desses campos de estudo e, portanto, antecede a formulação do *Curso de Linguística*

²⁵ Essa dualidade nos foi apontada pela Profa. Dra. Vanise Medeiros durante nossa apresentação no Simpósio “Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*: (re)leituras (im)possíveis cem anos depois” (CIFEFIL, Rio de Janeiro, 2016). Registramos aqui nosso agradecimento por sua contribuição.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Geral, porque este enquanto lugar de materialização de discursos sobre a língua(gem) é também um produto histórico determinado pelo interdiscurso e constituído, como destacam Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), não por proposições propriamente originais e novas, mas por questões que estavam em debate quando do seu momento de formulação.

A distinção entre os estudos fonéticos e fonológicos não é, portanto, uma questão somente do *Curso de Linguística Geral*, mas uma questão do século XIX que, ainda presente no início no século XX, nele se faz significar de forma contraditória, porque contraditória – entenda-se: marcada pela contradição entre posições que, oriundas de diferentes formações discursivas, são costuradas no dizer atribuído a Ferdinand de Saussure a partir dos diferentes gestos de interpretação que o constitui – é a função-autor que o organiza. Tal contradição tem como efeito uma tensão no processo designatório, segundo a qual, dependendo da posição em que o sujeito se inscreve (Saussure-linguista ou Saussure-comparatista) ao ser significado como autor, os estudos fonéticos/fonológicos ora são concebidos como próprios às ciências naturais, constituindo-se como uma ferramenta auxiliar ao fazer do linguista, ora como próprios à então chamada linguística da língua ou ainda, enquanto estudos diacrônicos das “alterações que se produzem na fala” e que, portanto, “não atingem mais que a substância material das palavras”, como próprios à chamada linguística da fala.

Por fim, gostaríamos ainda de pontuar que, a despeito da distinção entre estudos fonéticos e fonológicos proposta no *Curso de Linguística Geral*, esses não foram os sentidos que se naturalizaram posteriormente nos estudos da linguagem. Como vimos com Eduardo Guimarães (2002), todo processo de designação pressupõe uma “relação instável entre a linguagem e o objeto”. Assim é que, não estando ainda esses sentidos estabilizados, em função da pouca atenção dispensada ao *Curso de Linguística Geral* pela comunidade linguística da época de sua formulação, em 1916, observamos, no segundo momento de recepção de Ferdinand de Saussure na Europa, tal como proposto por Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), deslocamentos de sentidos em relação ao que comparece no *Curso de Linguística Geral*. Esse segundo momento teria ocorrido, conforme o autores, a partir da década de 1920, mais especificamente, em 1928, quando da realização do *Congrès International des Linguistes*, em Haia, no qual foram apresentadas as (re)leituras do *Curso de Linguística Geral* realizadas pelos linguistas do

Círculo de Praga (Trubetzkoy, Jakobson e Karcevski), pelos do Círculo de Copenhague (Hjelmslev), entre outros.

Nessa ocasião, conforme Joaquim Matoso Câmara Jr. ([1975] 2010), o Círculo Linguístico de Praga propôs a distinção entre dois tipos de estudo: a fonética, concebida como uma ciência natural, e a fonologia, concebida enquanto uma ramificação da linguística que “trata da significação dos traços fonéticos em uma língua” (*ibid.*, *loc. cit.*), enfatizando-se, como justificativa para legitimação desta última, a necessidade, em conformidade com a proposta de Ferdinand de Saussure, de se estabelecer um sistema de oposição de sons linguisticamente significativos e a relevância da correlação entre esses sons para se explicar a mudança fonética (entendida como fonologia diacrônica). A naturalização desses sentidos, em detrimento daqueles que comparecem no *Curso de Linguística Geral*, parece-nos ter-se dado, então, porque, como podemos depreender a partir de Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech (2010), num terceiro momento, ocorrido após a segunda guerra mundial, a (re)leitura de Ferdinand de Saussure na Europa se deu de forma indireta, isto é, a partir das (re)leituras do *Curso de Linguística Geral* procedidas, sobretudo, mas não só, por Roman Jakobson. Esse seria o motivo, segundo os autores, de ter havido nessa “(re)descoberta” de Ferdinand de Saussure uma grande soma de “mal-entendidos”. Mas isso já é assunto para uma outra conversa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História da linguística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine. In: *Languages*, 28^e année, n. 114, p. 41-53, 1994.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

DE MAURO, Tulio. (Org.). Les notes et commentaires de Tulio de Mauro (1967). In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 2005, p. I-XVIII et 319-495.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969-1983). In: *Ditos e escritos III – estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-298.

_____. *A ordem do discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Os limites dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2002.

HENRY, Paul. Constructions relatives et articulations discursives. Analyse du discours, langue et idéologies. In: *Langages*, 9^e année, n. 37, p. 81-98, 1975.

INDURSKY, Freda. Identificação e contraidentificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, Bethania. (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e psicanálise*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise de discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, vol. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007a.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007b.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PÊCHEUX, Michel. *Sobre a (des)construção das teorias linguísticas: Em línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? In: _____. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011, p. 295-310.

_____; GADET, Françoise. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. 2. ed. Campinas: RG, 2010.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Toni. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 2010, p. 163-252.

SALUM, Isaac Nicolau. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Identidades (in)formais: contradições, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, vol. 17, n. 35, p. 245-282, 2003.